

Suplemento Cultural

Pe. Angelo Jayme Venturelli, sacerdote, escritor e mestre

JOSÉ DO COUTO VIEIRA PONTES

Nos anais da gloriosa galeria dos filhos de São João Bosco, no Oeste brasileiro, avultam figuras humanas de incontestável valor, não só como sacerdotes de nosso divino mestre Jesus, como também mestres de incontestável sabedoria, oradores talentosos, escritores de destaque nacional, historiadores, músicos, e, para glória do Cristianismo, elevando bem alto a missão da Igreja Católica, em todo o mundo, o mártir dos salesianos Pe. João Fuchs e Pedro Saciloti, mortos pelos xavantes, no Rio das Mortes, ao norte de Mato Grosso, merecendo de outro grande salesiano, Pe. Antônio Cobalchini, que conheci pessoalmente, quando aluno do Colégio Dom Bosco, aqui em Campo Grande, a edição de uma preciosa obra intitulada "Heróis Autênticos". Nessa plêiade, Pe. Angelo Jayme Venturelli.

Pe. Angelo era muito estimado, na sociedade e no Colégio Dom Bosco, onde ministrou inesquecíveis aulas, como professor de Matemática, Física, Química e Desenho, sendo dotado de admiráveis conhecimentos de Literatura e História.

De aluno, no Curso Científico, tornei-me seu grande amigo. Ele frequentava minha casa, sendo querido por todos, pela sua erudição e cultura geral.

Chegaram ao porto do Rio de Janeiro em 21 de novembro de 1933, sendo recebidos pelo Pe. Ernesto Carletti, superior provincial, cargo que assumira em Cuiabá, em 1932, passando essa grande figura do Catolicismo a ser chamado como "Grande homem e grande salesiano". Chegaram, depois, ao Colégio Santa Rosa, em Niterói, sendo recebidos pelos padres salesianos Emílio Miotti e José Solari. Em seguida, rumaram para São Paulo, onde o Liceu Coração de Jesus era



MUSEU DAS CULTURAS DOM BOSCO – Antigo "Museu do Índio", seu variado acervo é fruto do trabalho e dedicação de salesianos como os padres Félix Zavattaro e Angelo Jayme Venturelli, este coautor, com César Albisetti, da **Enciclopédia Bororo**, singular obra pesquisada mundialmente

considerado o maior estabelecimento de ensino do Brasil. Depois, Montevidéu, Rosário, Assunção, chegando em 31 de dezembro a Porto Murtinho, e, continuando a viagem, a Corumbá, em 5 de janeiro, sendo recebidos pelos padres Francisco Czaplá e Félix Zavattaro, o primeiro diretor do famoso Colégio Santa Teresa, da Cidade Branca.

No amanhecer de 14 de janeiro de 1934, chegavam a Cuiabá, cujo porto estava cheio de uma multidão festiva, ocasião em que a lancha soltava vibrantes e longos apitos.

Evento de grande beleza, entusiasmo e fé, foi, sem dúvida, a comemoração, na Cidade Verde, dos cinquenta anos da chegada dos salesianos a Mato Grosso (18.06.1894 - 18.06.1944), com expressivas homenagens ao Presidente da República, e aos Interventores dos Estados, bem como às autoridades ecle-

siásticas, entre estas destacando-se D. Antônio de Almeida Lustosa, bispo de Corumbá e D. Vicente Priante, bem como o grande escritor e Arcebispo de Cuiabá, D. Francisco de Aquino Corrêa, fundador da Academia Mato-grossense de Letras, membro da Academia Brasileira de Letras, e patrono da cadeira nº 02 da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, com sede em Campo Grande, sendo seu atual ocupante o notável escritor Padre Afonso de Castro.

No panorama do mais puro e acendrado sentimento cristão, avulta sempre a figura admirável do Pe. Angelo Jayme Venturelli.

Pertencente à Congregação Salesiana, nascida do ideal do glorioso São João Bosco, e da qual fizeram parte, ainda, entre outros, os inesquecíveis mestres, padres Félix Zavattaro, Pedro Cometti, José Valentim, Thomás Ghirardelli,

“

Evento de grande beleza, entusiasmo e fé, foi, sem dúvida, a comemoração, na Cidade Verde, dos cinquenta anos da chegada dos salesianos a Mato Grosso (18.06.1894 - 18.06.1944), com expressivas homenagens (...) a autoridades eclesiásticas (...)"

Constantino de Monte, deixou o Pe. Angelo Jayme Venturelli, em nossa querida Campo Grande, onde viveu a maior parte de sua preciosa vida, a marca de sua inteligência, de seu talento, não só no cumprimento de seu voto de sacerdote de Jesus Cristo, como também na condição de dedicado mestre, escritor, acadêmico, desenvolvendo, ainda, atividades como dirigente da Rádio Educação Rural e do Jornal do Comércio (Gráfica).

Pe. Angelo, como todos o chamavam, pertenceu, ainda, ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul e à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Recebeu o título "Honoris Causa" pela Universidade Católica Dom Bosco. Sua obra "Enciclopédia Bororo", elogiada em todo o mundo, inclusive na distante Rússia, mereceu os mais calorosos encômios do grande antropólogo europeu Lévi-Strauss.

No dia 19 de maio de 2008, Pe. Angelo Jayme Venturelli partiu para a eternidade.

POESIAS

RIO AQUIDAUANA

O Aquidauana desce largo e lento,
a batizar a *Princesa do Sul*...
Seu leito vermelho, barrento,
margeando *cuestas* rochosas
da serra de Maracaju...
Em Piraputanga,
morros sangram, abrem alas...
Em Camisão... tira o chapéu...
E o rio passa... A paisagem cala...

Oh, Rio Aquidauana!...
Pitombas, veludos e flores
vai carregando, fazendo espiral...
Peixes beliscam nas locas... jáú, pintado,

pacu, jurupoca.
Aves festivas em delírios de paz...
Eco de vozes pescadoras
fazem timbre distante no ar.
Barcos partem em medidas desiguais...
O rio sustenta o alimento...
E desce o Aquidauana garboso,
piscoso, sereno...
Na força das margens e matas
entrega suas águas castas
ao Miranda, que o arrasta
ao coração do Pantanal,
para muito longe viajar,
em comboio, no rio Paraguai.

ELIZABETH FONSECA

COPO

Em meio ao redemoinho
de pensamentos,
cenas delirantes entram
pela janela dos meus olhos.
Tento decifrar signos,
coordenar estímulos,
manter informações.
Mas de repente me
esqueço daquilo.
Como de vez em quando
a gente esquece de um copo
no meio do caminho,
ao levá-lo de um
quarto para o outro,
ao nos espantarmos
com alguma falha
de nós.

HENRIQUE DE MEDEIROS

OUTROS MORADORES

PAULO COELHO MACHADO

No início da Rua 7 de Setembro, numa casa misteriosa, sempre fechada, os italianos simpáticos do Mussolini realizavam reuniões secretas em que eram exaltados o fascismo nascente e Il Duce.

Em local próximo, que não conseguí bem identificar, morou, no início do século, o gaúcho, Dr. NILO JAVARY BARÉM, o primeiro Engenheiro do município de Campo Grande e autor da primeira planta da cidade, em 1909, a quem já nos referimos em diversas oportunidades. De estatura mediana, moreno, na época teria uns 50 anos de idade. Usava óculos. Era fazendeiro em Jaraguari. Casado com dona Chininha, deixou sete filhos: Peri, Jaci, Edgard, Osmar, Marina, Jandyra, e Talita.

Foi importante a contribuição do Dr. Nilo para o desenvolvimento de nossa cidade. Depois que fez a primeira planta, pela qual cobrou dois contos de réis, foi que começou a verdadeira expansão urbana de Campo Grande, dentro de um traçado inteligente, organizado, que obedeceu aos parâmetros urbanísticos das modernas cidades da época. Pena que os loteamentos que se seguiram não acompanharam os mesmos critérios!

Oscar – 87 edições e muito glamour

(ou: Brasil ainda sem a estatueta hollywoodiana)

RUBENIO MARCELO

Já na sua 87ª edição, o *Oscar* é uma das mais importantes distinções que vigoram nos meios acadêmicos do planeta. O evento é realizado no Teatro Dolby em Los Angeles (Califórnia-USA) e contempla filmes e artistas em 24 categorias.

Fundada em 1927, quando o cinema tinha pouco mais de trinta anos de existência, a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood idealizou a criação de um prêmio para homenagear os *profissionais da telona* que reconhecidamente tivessem alcançado destaque em suas atuações.

Somente a partir de 1931 é que o troféu passou a ser chamado de *Oscar*. Mas a Academia só começou a usar oficialmente a designação em 1939. Três conhecidas versões enfocam a origem deste apelido que realmente "pegou": a primeira atribui a feliz denominação à sra. Margaret Herrick (então bibliotecária da Academia), que teria visto semelhanças fisionômicas entre a estatueta e o seu tio (de nome Oscar); a segunda relaciona-se com a atriz americana Bette Davis, que teria afirmado que o objeto lembrava as feições de seu marido Harmon Oscar; e a outra versão confere a alcunha ao jornalista Sidney Skolsky, que teria escrito o termo (*Oscar*) em artigo de sua lavra e, inclusive, sugerido à Academia cinematográfica a adoção do nome.

Consta que a entrega inaugural da premiação se deu em 1929, num evento simples pa-

ra pequeno público. Já a mais recente edição (*Oscar 2015* - com apresentação do eclético ator americano Neil Patrick Harris) aconteceu na noite deste domingo p.p. (22/02) e - dentre os destaques - brilham *"Birdman"* (que ganhou a premiação de melhor filme, melhor diretor, melhor fotografia e roteiro original), e *"O Grande Hotel Budapeste"* (The Grand Budapest Hotel), que levou estatuetas nas categorias técnicas (design de produção, figurino e maquiagem, e trilha sonora).

Marcada pela presença de celebridades do cinema e por grandes nomes do *showbiz* internacional, nos nossos dias, a glamourosa solenidade é esperada por pessoas do mundo todo que direcionam seus atentos olhares para o brilho do ostentoso acontecimento e para a performance das personalidades que pisam o tapete vermelho do *Oscar*.

O nosso país não conhece ainda o sabor da conquista deste que representa o prêmio mais notável no universo da sétima arte. A primeira produção do nosso cinema a ser indicada ao *Oscar* [na categoria 'melhor filme estrangeiro'] foi *"O Pagador de Promessas"* (de Anselmo Duarte, em 1963), que perdeu para *"Les Dimanches de Ville d'Avray"* (França). De lá para cá, outros filmes brasileiros já concorreram, entretanto sem êxito até então, como *"O Quatrão"* (de Fábio Barreto, 1996), *"O Que é Isso, Companheiro?"* (de Bruno Barreto, 1998) e *"Central do Brasil"* (de Walter Salles, 1999). Mais recentemente,

em 2011, tivemos concorrendo o documentário "Lixo Extraordinário" (uma coprodução Brasil - Reino Unido), que perdeu para "Inside Job", uma produção americana. Em 2012, o Brasil mais uma vez chegou perto do seu primeiro Oscar, mas a canção *"Real in Rio"* (C. Brown e Sérgio Mendes), da animação "Rio" (de Carlos Saldanha), perdeu o troféu de 'Melhor Canção Original' para "Man or Muppet" (do filme "Os Muppets"). E, nesta edição 2015, o documentário *"O Sal da Terra"* (que possui codireção do brasileiro Juliano Salgado) viu "CitizenFour" (da americana Laura Poitras) levar a premiação na categoria. Ainda não foi desta vez que o nosso cinema nacional sentiu o gosto de trazer para o Brasil uma das cobeadas estatuetas douradas de Hollywood.

Se são - estes lauréis - escolhas comerciais/políticas ou justas recompensas por grandes obras; premiações com "resultados previsíveis" ou independentes de influências, não nos cabe aqui ponderar. Cumpre-nos, sim, torcer para que o nosso país continue tendo condições e incentivos para prosseguir trabalhando seriamente neste sentido, granjeando credibilidade e aguardando a hora certa do merecido reconhecimento internacional que lhe garantirá presença marcante na história gloriosa destas extraordinárias distinções.

Da casa de taipa à Universidade*

HILDEBRANDO CAMPESTRINI - presidente do IHGMS

História é passado. Não necessariamente um passado distante, já perdido nas névoas do tempo. Também é passado bem próximo, que vivemos e testemunhamos. Para que estas memórias recentes não se percam (e não sejam songadas aos descendentes), o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul tem incentivado, como programa institucional, os agentes da história regional a registrar não só a própria trajetória, mas também descrever os cenários em que ela se desenvolveu e realizou.

Nesta esteira nasceu *DA CASA DE TAIPA À UNIVERSIDADE - MEMÓRIAS DE UM MÉDICO*, de João Pereira da Rosa, figura sempre presente e participante, que dignifica os quadros deste Instituto Histórico.

O leitor se deparará com a história de um menino nascido nos arredores da então pequena cidade de Campo Grande, numa casa de taipa, descendente dos mineiros que fundaram o arraial de Santo Antônio do Campo Grande, menino que teve uma infância sadia e responsável, estudando (e, já adolescente, trabalhando), cujo sonho era ser médico.

Com o apoio da família foi para a Cidade Maravilhosa e voltou anestesista, o primeiro de Mato Grosso (então uno). Podia radicar-se naquela cidade (onde já estava empregado e bem relacionado); todavia, sentindo-se responsável por sua gente, retornou à terra natal, onde, à frente de significativas empreitadas, ou participando delas, João Pereira da Rosa se

envolveu nos momentos mais importantes da Medicina e da Educação superior do Estado.

Fala mansa de mineiro, decidido nos seus propósitos, generoso e solidário, dr. Joãozinho (como ficou conhecido) foi impelido a escrever suas memórias, sua trajetória, para que fique perenizada sua vida, exemplo de perseverança (às vezes, de abençoada obstinação), de caráter retilíneo, zeloso na administração da coisa pública, fervoroso pregador do civismo e da cidadania, bem como decidido líder da família Pereira, cuja união vem promovendo, no propósito de conservar nela a responsabilidade de ter iniciado esta vila.

Nessa sua simplicidade e desprendimento, dr. Joãozinho, que podia preencher muito mais páginas com suas iniciativas, andanças e realizações, preferiu omitir tantas delas e colocar a biografia de colegas que lhe foram caros e são importantes na história humana de nossa terra. Assim, ler estas memórias é transitar pela história de Campo Grande e ser apresentado a pessoas que nela deixaram sua indelével marca de competência, solidariedade e humanismo.

Resta-nos, por fim, em nome dos associados do IHGMS e dos campo-grandenses, agradecer ao dr. Joãozinho por ter escrito um pouco de sua vida, gesto ímpar de generosidade, porque não lhe é dado, de forma alguma, sonegar aos seus e a nós sua trajetória de tantos méritos.

(*) - Prefácio do livro *Da casa de taipa à Universidade - memórias de um médico*, a empolgante história de vida de um dos fundadores da atual UFMS.